

posto ao calo ou inclinado à música. De que forma porém, "os estímulos ambientais" produzem um calo ou gênio musical, não é explicado.

O ADN é, como veremos, somente um dos fatores que contribuem para que sejamos o que somos e não é de jeito nenhum o fator mais importante, apesar da descoberta proclamada que a molécula é formada como uma dupla espiral, o maior "furo" biológico do século. Deixamos os biólogos com o seu entusiasmo pelo ADN, para, no próximo capítulo, consideramos um "furo" maior ainda realizado a uns trinta anos e que, então, passou despercebido pelos biólogos.

À próxima pergunta: **Por que existimos?** — surge uma tentação nesta Idade de Loucuras Maiores, de responder que devemos existir para divertimento do nosso Criador que, talvez "conserva" a raça humana pelas mesmas razões como temos animais de estimação. E seriamente, se achamos que o Criador tem um senso de humor não podemos excluir essa hipótese como explicação de, pelo menos, uma parte da nossa existência. Realmente, há muita evidência de que a Natureza seja um "experimentador" entusiástico e certamente podemos deduzir que o descobrimento da raça humana é uma de suas experiências mais importantes.

(Incidentalmente, até podemos considerar "**Quem** ou o **Que** começou o Universo e o controla. Provavelmente, é mais simples usar o termo "Natureza" como agente da força criativa e organizante que está atrás da Vida).

A grande experiência da Natureza com a raça humana não é apenas mais importante como também mais arriscada que qualquer uma das experiências anteriores, como, por exemplo, a com os dinossauros ou dódos, porque o homem possui mais habilidade e livre arbítrio que tais criaturas. Estas não só não conseguiram sobreviver na luta pela existência, como também, no melhor dos nossos conhecimentos, não perturbaram, com sua extinção, as outras experiências. Mas agora o homem possui a capacidade e os meios para destruir todas as experiências da Natureza neste planeta, explodindo-o.

A Natureza parece então ter assumido um grande risco dando ao homem um certo grau de controle de sua experiência mais audaciosa. Se conseguíssemos adivinhar seus motivos, poderíamos, pelo menos, deduzir que ela considera o desenvolvimento da raça humana como suficientemente interessante ou importante para arriscar a destruição de todas as suas outras experiências neste planeta.

Que parte a Natureza espera que o homem tome na sua experiência? O que ela espera que ele faça com o livre arbítrio que lhe outorgou? Isto nos leva às nossas terceira e quarta perguntas: **Há uma finalidade para a vida? Se assim for, qual é e o que devemos fazer a esse respeito?**

Quanto a nós, descobrimos que o significado da vida é **desenvolver o caráter individual e a personalidade pela experiência, seja ela agradável ou desagradável**. Descobriremos também que tudo que pudermos alcançar desta maneira tem importância porque a memória — a essência da personalidade e armazém de experiência — **é conservada para nosso uso nas existências futuras**. Em outras palavras, nossa personalidade e nossa memória não se extinguem com a morte.

Sendo o indivíduo importante na experiência da Natureza, também o é sua liberdade porque, obviamente, ele não pode desenvolver sua individualidade se não possuir toda liberdade que lhe for possível. Descobriremos então que os ditadores e outros que se comprazem em restringir a liberdade do indivíduo estão indo contra o Plano da Natureza — como lhes diria um fazendeiro — o que eventualmente leva a perturbações.

Evidentemente, há uma outra face da moeda da liberdade. O indivíduo é pessoalmente responsável pelo que ele faz com o que a Natureza lhe deu, já que ele próprio e sua liberdade são parte da experiência desta mesma Natureza. Não obstante algumas desculpas moderadas para o mau uso da liberdade, que possam influenciar os **juizes** e os **jurados**, descobriremos que elas não podem contudo influenciar a Natureza.